

REVISTA DE MEDICINA

DIRÊÇÃO CIENTIFICA DO
Prof. RUBIÃO MEIRA
REDATOR-CHEFE
PAULO DE GODOY

ORGANIZADO DO CENTRO ACADEMICO
"OSVALDO CRUZ"
DA FACULDADE DE MEDICINA E
CIRURGIA DE SÃO PAULO

PONTOS DE VISTA

A LEPROA

E' o assunto em foco. Felizmente.

Muito já se escreveu e falou. Até, mesmo, deu a sua opinião o dr. Claudio Piriz... E talvez pôr isso mesmo, pôr muito se falar e pouco agir, a lepra em S. Paulo se avoluma e se radicaliza. Não só aqui. Também em outros estados.

Mas é para S. Paulo que afluem leprozos de todo o Brazil, tanjidos pela esperança e a busca de melhores dias. Mas logo se desiludem. E dispersam-se pela capital e pelo interior. Infiltram-se, silenciosamente, em todos os centros da actividade humana. E esmolando e convivendo com os sãos, vão disseminando a molestia.

Escreveram Lustig e Galeotti que a lepra é uma molestia contagioza de lenta evolução. "Não directamente hereditaria, mas se transmitindo pôr contajio directo de homem á homem, principalmente pelo secretio nazal, pela mosca (que hospeda o germe no intestino) — e mesmo outros insétos, pulga e percevejo. Qual seja a via de penetração do bacilo no corpo humano, não é ainda bem conhecida. Talvez atravesse a pele e a mucoza, especialmente da cavidade nazal. O bacilo se encontra no sangue do feto e do recém-nacido, provenientes de mãe contaminada"

Pela conclusão desses dois illustres patolojistas italianos se infere o perigo que corre a população com o crescer dessa molestia.

A ação do bacilo de Hansen é conhecida. Lentamente e vagarosamente vai consumindo a vida. Deforma a fisionomia humana. Embrutece os traços; altera as linhas; rasga a feição. As mãos se transformam em garras. E o bacilo, resistente a toda a terapêutica, vai devorando gulozamente a sua vítima: primeiro ataca as partes superficiais; depois, em evolução mais adiantada, quando o corpo do doente já é um cadáver ambulante, rói e devora os órgãos vitais.

E, no entanto, a lepra é conhecida desde os tempos de Pompeu! E ainda hoje é esquizitadamente incurável.

No estudo do problema da lepra, ha o lado científico e o social. Não falarei do primeiro: está amplamente ventilado.

E' o lado social que mais me interessa.

Si o primeiro trata do corpo, o segundo alivia o espírito.

Porque, certo, das molestias que ataca o homem é a lepra que mais a sociedade repêe.

O leprozo é excluído do convívio social. Os homens o repelem. Ninguém o quer. A sociedade tem mais medo do leprozo que do criminoso.

Isso é humano

Mas o leprozo sente como nós. Tem um coração que pulsa. Possui como nós, faculdades afêtivas. Necessita de amizade, carinho, afeto. O amor que todos têm, o leprozo só o sente como o poeta:

Só pude ouvi-lo em bôcas de gangrena.

Só pude te-lo em corações de lama

Implora e clama. E' repellido. Revolta-se.

Revolta-se contra a vida e contra os homens. E tanjidos pela desgraça, pelo abandono e pela miséria, procuram alívio no crime e no vicio.

E bebem. E se intoxicam com alcaloides diversos em busca do sonho e da iluzão

Mas o toxico é perverso: doura a superficie e destrói e desequilibra o interior.

E roubam e matam. Outros leprozos têm a volúpia, o prazer sádico de contaminar crianças, como aconteceu em Piracicaba, na ancia de sentir o sofrimento dos outros.

Penso que o Leprozário deve focalizar o problema social da lepra. Este instituto não deverá sómente sêr um hospital para izolar e curar. Deverá cuidar, principalmente, do psiquismo do leprozo. Os doentes não devem ter no leprozario vida de recluzos como na cadeia. Isso sensibilizaria o sistema nervoso; produziria ataques de melancolia, depressão, abatimento, neuroze de angustia. Revolta intima. Obseção pelo mal que o infesta. Abalado assim o sistema nervozo, nenhuma terapeutica produziria resultado.

O essencial é facultar-lhes uma vida alegre, cheia de trabalho e diversões.

Cultivariam a terra. Plcmtariam e colheriam flôres e frutos. Teriam a muzica, "esse paiz de belezas estranhas"; teriam cinema. Bibliotéca. Bons e apropriados livros. Escola para os analfabêtos. Egreja. A religião seja de Buda ou Jesus é um grande balsamo para os que sofrem. Enfim o leprozario deve dar a impressão duma cidade, duma colonia.

E alegre. Cheia de vida. Nada de coizas funebres..

Só assim os leprozos esqueceriam da molestia. Viveriam contentes e alegres.

E esse estado interior, rizonho e feliz, já o disse um psicólogo, muito influiria para a melhoria da molestia.

Teriam esses doentes a impressão de que eram felizes.

E idealizariam castélos como nós; como nós os veriam desfeitos, porque

*Nem é mais a existencia rezumida
Que uma grande esperança malograda*

O Leprozario Santo-Angelo, autorizado pelo governo em a lei N.º 1582 de 20 de dezembro de 1917. solucionava o problema de uma maneira inteligente. Iniciou-se a construcção. Mas durante muito tempo não passou da pedra inaugural. Vieram governos; governos se foram. E continuava a pedra inaugural superiormente solitaria.

Felizmente o governo actual vai reiniciar as obras. Faz bem.

Já se pensou muito.

Agora ajir e trabalhar.

P. de Godoy